

Traço de humor: a arte de José Nelo Lorenzon

Andréa de Araujo Nogueira

*Exijo a possibilidade de viver plenamente a contradição da minha época, que pode fazer de um sarcasmo a condição da verdade.*¹

A história do jornal *Folha de São Paulo* permanece, desde 1921, intimamente relacionada à de seus desenhistas. Sua produção, as charges diárias, amplia o processo de mediação do jornal, de modo especial por sua visibilidade, dilatada durante as décadas de 1920 a 1940, em virtude da publicação na primeira página. Neste período, o alcance e a popularização eram alçados pela estrutura de linguagem, que, de modo eficaz, condensava os elementos produzidos na contingência das ruas.

É significativo lembrar que, no Brasil, a charge – sinônimo francês de caricatura – acabou adquirindo um significado diretamente relacionado à sátira gráfica de um determinado acontecimento político, enquanto manifestação condensadora. Assim a charge, em sua essência, critica um determinado personagem, fato ou acontecimento político.

Inicialmente, os traços de Lemmo Lemmi, o Voltolino (1884-1926), e Benedito Bastos Barreto, o Belmonte (1896-1947), sedimentaram o caráter urbano da charge, imprimindo, cada qual a seu modo, uma marca no jornal. Belmonte, consagrado por toda a sua produção na imprensa enquanto defensor dos interesses da coletividade, por meio de campanhas contra o alto custo de vida, criou um dos mais populares personagens, essencialmente voltado para o público paulistano, o Juca Pato.

Logo após a morte de Belmonte em 1947, com o intuito de preservar o público enredado pelo poder de sedução da charge nas *Folhas*², foi convidado para assumir a vaga de caricaturista o professor José Nelo Lorenzon.

¹ BARTHES, Roland. *Mitologias*, p. 8.

² A pesquisa adota a denominação popular da empresa jornalística *Folhas*, pois apesar de suas diferenças formais, os jornais *Folha da Noite*, *Folha da Tarde* e *Folha da Manhã* englobam nesse período – até 1960 – uma mesma orientação política,

Além de caricaturista, José Nelo Lorenzon foi escritor, advogado por formação, professor de Língua Portuguesa e, sobretudo, um observador arguto dos aspectos da vida. Nelo, como assinava, desenvolveu seu processo da criação diária no cotidiano das ruas, compondo assim seus tipos: dona Berinjela, dona Alvura, Nega do Pito, Udeninha, dona Fricotina, dona Sulfureta, Seu Pessedino, Brasilino, entre outros. Os personagens foram construídos na São Paulo da década de 50, contexto no qual repousa toda a ansiedade de legitimação política que se interrompeu com o golpe militar em 1964.

Dentro do espaço reservado para a charge, assimilando as inovações técnicas, entre elas, o recurso da policromia, Nelo Lorenzon criou o personagem Zé Marmiteiro, figura mediadora, que, durante 12 anos, foi publicado pelas *Folhas*. O aspecto cômico oferecido por Zé Marmiteiro surgia no movimento de tensão e distensão exposta sobre um determinado fato político ou social, e representado de modo exacerbado na charge.

Com o domínio da linguagem e da intertextualidade³ dos temas, Nelo Lorenzon, simpático ao Partido Comunista, driblou o discurso do jornal *Folhas*, voltado ao “desenvolvimentismo como fator de segurança”,⁴ recorrendo às características polifônicas próprias da charge. A coloquialidade e o jogo com as palavras, em trocadilhos argutos, eram instrumentos de paródia da retórica política. Ao tratar os personagens populares, Nelo Lorenzon procurou compreender como as camadas populares decodificavam os produtos simbólicos da classe política.

As caricaturas eram formalmente despojadas: realizadas no plano diário, em pleno “calor dos acontecimentos”, apresentavam o Zé Marmiteiro como síntese da imagem do trabalhador. Associado à pobreza urbana, vestia-se com roupas de operário: o macacão azul, ferramenta no bolso e a marmita em punho, condensando a precária condição alimentar e assistencial do trabalhador, invariavelmente acompanhado por seu cachorro, o Chuvisco.

com aspectos gráficos diferenciados. Sua atual denominação é Empresa Folha da Manhã S.A

³ A charge é o resultado da intenção do artista em compor, a partir das referências externas presente nas fotos, artigos, editoriais e experiências do cotidiano, um universo próprio. Ver: ROMUALDO, E. *Charge jornalística*

⁴ MOTA, Carlos Guilherme ; CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S. Paulo (1921-1981)*

A produção de Nelo Lorenzon revela uma análise sobre os movimentos ambíguos da retórica política – aliás, muito bem supridos por nossos representantes –, possuindo a capacidade de deslocá-los, transformando-os em símbolos a partir da associação com o personagem da caricatura; segundo Gombrich:

O encontro da estampa simbólica com a nova arte da caricatura oferecia vantagens ao cartunista. A redução da fisionomia a uma fórmula conveniente tornou possível manter determinados políticos constantemente diante dos olhos do público em todos os tipos de papéis simbólicos.⁵

Nelo Lorenzon iniciou sua produção na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, ainda na década de 1930, mas foi no *Jornal de S. Paulo*, surgido de uma dissidência dos jornalistas das *Folhas* em abril de 1946, que Nelo Lorenzon criou o Zé Marmiteiro. O nome do personagem se relaciona a uma curiosa polêmica política, que repercutiu na mídia à época, articulada por Hugo Borghi para as eleições de 1945. A partir deste ano, redefiniam-se as linhas partidárias, tendo como principal mentor o próprio Getúlio Vargas, que assegurava o controle político para a transição democrática, como se dizia, ao criar o “Partido Social Democrático, com a mão direita e o Partido Trabalhista Brasileiro, com a mão esquerda”, embora a tese provocadora de Maria Victória Benevides incluísse a UDN como criatura de Getúlio, ou pelo menos sua razão de ser.⁶

Hugo Borghi, economista e comerciante de algodão da região de Campinas, líder do movimento queremista,⁷ em razão de uma série de interesses econômicos, sobretudo pela preservação do controle do preço do algodão na bolsa de

⁵ GOMBRICH, E. H. *Meditações sobre um cavalinho de pau*

⁶ BENEVIDES, M. V. Um caso de sedução política, p. 8-9. O quadro dos partidos políticos, excetuando-se o já existente Partido Comunista do Brasil, PCB, criado em 1922, se redefinia a partir do Ato Constitucional nº 9, promulgado no dia 28 de fevereiro de 1945 [...].

⁷ Hugo Borghi adquiriu para as eleições três rádios para a propaganda de Getúlio: as estações Rádio Clube do Rio de Janeiro, Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro e São Paulo. BORGHI, H. *Depoimento*

valores, associou-se à campanha do General Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra no governo de Vargas.

Dutra coloca-se como representante do PSD sob as bênçãos de Vargas, mas em decorrência de sua pequena expressividade política dava-se como certa a vitória do candidato da oposição, o brigadeiro Eduardo Gomes, candidato da União Democrática Nacional, a UDN.

Após um pronunciamento realizado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o brigadeiro Eduardo Gomes declarou não precisar dos votos da “malta de desocupados que frequentavam os comícios de Getúlio Vargas”.⁸ Hugo Borghi estrategicamente buscou o sinônimo, destacando que o termo “malta” designava também os grupos de operários que utilizam as linhas férreas levando suas marmitas – os marmiteiros –, ou seja, grande parte da população de baixa renda, divulgando em cadeia para 150 estações de rádio em todo o Brasil a resposta ao pronunciamento: que Eduardo Gomes representava a elite e os exploradores do povo, conseguindo provocar, em 48 horas, a indignação de todo o país contra o brigadeiro. Borghi, respaldado pela receptividade popular, distribuiu ainda cinco milhões de marmitinhas, catalisando o sentimento da luta de classes e transformando a marmita em um símbolo de resistência da política trabalhista.⁹

O apoio prestado por Getúlio Vargas a Dutra – evitando assim sua possível deportação e assegurando a indicação de sua confiança para o Ministério do Trabalho – reforçava a tese do continuísmo político de Vargas, que, aliado à polêmica resultante do fatal discurso de Eduardo Gomes, garantiu a vitória de Dutra, em 2 de dezembro de 1945. Desta forma, a partir da controvérsia na campanha eleitoral, o empresário Hugo Borghi, eleito deputado à Constituinte por São Paulo, começou a ser popularmente chamado de Zé Marmiteiro.

Apesar da relação simbólica que se criou em torno de Hugo Borghi, o Zé Marmiteiro de Nelo Lorenzon representava a mediação popular na instância dos políticos. O humor de Zé Marmiteiro, instituído por meio da sátira e da ironia, evidenciou a ambiguidade do discurso político, num período notoriamente marcado pela instabilidade do poder, revelando as contradições entre a fala proferida para o público e sua real proposição.

⁸ BELOCH, I.; ABREU, A. A. *Dicionário histórico biográfico brasileiro*

⁹ BORGHI, H. *Depoimento*, 1977

JOSÉ NELO LORENZON

*O homem morde com o riso*¹⁰

Os elementos biográficos do caricaturista, escritor, advogado e professor permitem dimensionar o quanto sua formação e atividades estão entrelaçadas com a história da cidade de São Paulo.

O percurso do artista teve início em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, onde nasceu no dia 1º de junho de 1909, com família de origem italiana. Nelo veio para a capital com a finalidade de cursar a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, centro de formação intelectual e de resistência política, concluindo o curso em 1932.

Em sua passagem pela Faculdade, colaborou intensamente em jornais e revistas acadêmicas, dirigindo algumas delas. A produção poética e satírica do artista era predominantemente acompanhada de caricaturas e ilustrações que se espalhavam pelo território acadêmico, por meio das revistas *Acadêmica*, *XI de Agosto*, *Problemas* e *Roteiro*, de cartazes de campanha e do jornal *Terra Vermelha*, no período entre 1932 e 1937. Participou ativamente, mesmo após ter-se formado, das atividades do Centro Acadêmico XI de Agosto.

Nelo foi o primeiro diretor do jornal *Terra Vermelha*, denominado “Órgão da Colônia de Ribeirão Preto da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo”. Cerca de cinquenta integrantes, formavam a “colônia” – associação na qual discutiam projetos e forjavam estatutos, lançando a publicação. O jornal refletia os acontecimentos posteriores à Revolução Constitucionalista de 1932, de acordo com seu primeiro edital:

Terra Vermelha não é propaganda comunista, é apenas a expressão simbólica de um pedaço vermelho e quente do nosso querido São Paulo, onde a rubiácea pesada de rubros pômos viceja abundantemente e onde o calor põe no coração dos vegetais uma centelha da alma paulista, para na primavera rebentar em flores. Terra vermelha! Terra cheia de calor e coberta de cafezais! Ribeirão Preto.¹¹

¹⁰ BAUDELAIRE, C. De l'essence Du rire, p. 245.

¹¹ TERRA VERMELHA. [Editorial]. p. 1.

De tiragem anual,¹² a publicação possuía colunas sobre temas jurídicos, ligados à sociologia, e noticiários que envolviam os acontecimentos da Faculdade, como as campanhas do Centro Acadêmico XI de Agosto, produzidas por Nelo.

Em meio à tradicional seriedade das Arcadas, o “velho casarão”, Nelo Lorenzon contribuiu para criar um ambiente de contestação demonstrado nos periódicos que publicou, manifestando os primeiros sinais de resistência ao endurecimento político do governo Vargas, que se desdobraria no Estado Novo e na criação do Departamento de Imprensa e Propaganda, em 27 de dezembro de 1939.

Entre as publicações do período destacou-se na revista *Acadêmica* de São Paulo, dirigida por H. Fagundes Neto, na qual Nelo colaborou no ano de 1936. Concomitantemente atuou na revista *XI de Agosto*, ligada ao Centro Acadêmico.

A revista *Problemas*, lançada em 15 de agosto de 1937 e com a qual o chargista colaborou, possuía o subtítulo de “índice do pensamento brasileiro”. Seu conselho diretor era composto de Afonso Schmidt, Alfredo Tomé, Nabor Caires de Brito, Oswald de Andrade e Rubem Braga (posteriormente colega de Nelo nas *Folhas*). A publicação seguiu uma linha de reação ao governo autoritário de Getúlio, expressando-se como anti-integralista, conforme o texto de apresentação da revista, de autoria do deputado João Mangabeira, futuro líder do Partido Socialista Brasileiro, intitulado “Democracia militante”:

A revista *Problemas* surge entre nós numa hora decisiva da História. Não é mais o “espectro do comunismo” que “aterroriza a Europa”. Ao contrário: é a ameaça do Estado fascista que aterroriza o mundo. Não que o primeiro tenha desaparecido. Mas o seu poder diminuiu, a sua eficiência foi contida e dominada por uma campanha irresistível e triunfante.¹³

A reação intelectual contrária à mobilização dos integralistas, os “galinhas verdes” comandados por Plínio Salgado, era o principal argumento empreendido pelas revistas, que preservavam uma estreita ligação com o Partido Comunista,

¹² As imagens do período acadêmico de Nelo integram o acervo da biblioteca da Faculdade de Direito do Largo S. Francisco – USP, que possui sete números do periódico Terra Vermelha, :

¹³ MANGABEIRA, João. Democracia militante. *Problemas*.

e por simpatizantes ao partido, entre eles o próprio Nelo. Entre os autores que produziam para a *Problemas* estava Oswald de Andrade, que parodiou os métodos utilizados pelo Integralismo, apresentando sua versão de um comício de Plínio Salgado:

Ante a multidão encapelada e comprimida numa praça, o CHEFE surge num estrado alto e embandeirado. Cercam-no o Burro, o Pírilampo, a Forca, o Urubu, setenta capangas, uma banda de música, cinco microfones, 32 refletores e operadores de cinema.

A multidão (despertada) – Viva! Vivaaaaaaaaaaa!

O chefe – Em 1931...

A multidão (desvairada) – Bravo! Muito bem! Bravíssimooooo!

O chefe – Enganei-me... Em 1913!

[...]

O chefe – Não há nenhum perigo! Deus está conosco! A polícia também. Papai grande garante!

O ruído da guerra estronda de repente. Choros convulsos de mulheres, homens e crianças. Manchas de sangue espalham-se nas casas desarmadas, nas prisões e nas ruas. Países desprevenidos tornam-se escravos. Cidades livres são algemadas. O luto toma conta da terra, entre soluços de mães, de noivas, de irmãos, de irmãs e de filhos apavorados.¹⁴

Em virtude do endurecimento político do Estado Novo, ampliado após a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, em 27 de dezembro de 1939, o artista retorna ao interior do estado de São Paulo, sendo nomeado professor de Língua Portuguesa, em 27 de fevereiro de 1940, na Escola Normal de Santa Cruz do Rio Pardo, atual Escola Leônidas do Amaral Vieira.

Voltando para São Paulo foi nomeado, em 1947, para a mesma cátedra no Colégio Fernão Dias Pais, no bairro de Pinheiros. Seu trabalho como desenhista começava a ser reconhecido.

¹⁴ ANDRADE, O. Panorama do fascismo. *Problemas*.

Nelo manteve durante muitos anos a revista *A Vespa* e, no jornal do bairro, *A Gazeta de Pinheiros*, escrevia sua crônica mensal “Gramática alegre”, revelando os erros e abusos com a língua portuguesa, explicados pela D. Gramática:

- D. Coroca – Você não lê os jornais ? Os professores públicos há tempo esperam aumento dos vencimentos. O Governador prometeu atender no Dia do Professor [...] E eu soube que eles vão levar o seu protesto à Assembléia Legislativa. E vão professores até do interior de São Paulo!
- D. Protestantina – E fazem muito bem ! O Garcez sendo professor não devia colocar a classe nessa situação de inferioridade...
- D. Sabereta – Ele era professor, agora é Governador...
- D. Exclamantina – Virgem Maria ! Um professor fazer uma coisa dessas para os outros professores, seus colegas!.. Imaginem se não fosse professor ! Que será que ele faria ?
- D. Coroca – Mandaria fazer o pagamento em 50 prestações. O último seria feito quando o professor completasse 150 anos...
- D. Prudência – Fale baixo, Coroca, a polícia...¹⁵

Por sua atuação crítica, Nelo Lorenzon foi convidado para integrar o movimento antifascista nacional, empreendido pelo governo brasileiro. Ao ver-se pressionado pelos Estados Unidos e pela mobilização de setores internos, especialmente ligados ao movimento estudantil, que organizam a passeata de 4 de julho de 1942, no Rio de Janeiro, Getúlio Vargas rompe com a posição de neutralidade brasileira na Segunda Grande Guerra, quando declara guerra à Alemanha e à Itália, em 22 de agosto de 1942.¹⁶

A sátira de Nelo aos líderes políticos envolvidos no conflito internacional é produzida em formato de cartões-postais, suporte que possuía um grande alcance popular à época, para a Exposição Antieixista, Feira de Artes e Livros. A exposição, realizada pelo diretório regional de São Paulo da Liga de Defesa Nacional, em junho de 1944, na Galeria Prestes Maia, fora anteriormente apresentada no

¹⁵ LORENZON, José Nelo. *Gazeta de Pinheiros*.

¹⁶ DUARTE, Paulo. *História da imprensa em São Paulo*

Rio de Janeiro, contando com a participação de diversos artistas, entre os quais Belmonte, sendo visitada por 500 mil pessoas em São Paulo.¹⁷

Em seu retorno a São Paulo, Nelo foi convidado a participar do jornal *Diário da Noite*, de propriedade de Assis Chateaubriand, então sob a direção de Maurício Loureiro Gama. Nelo inicia seu trabalho nos *Diários* com a tira da série *Jóias da Língua Portuguesa*, paródia de *Os Lusíadas* de Camões, retratando a ascensão e queda de Hitler. Os trabalhos para o *Diário da Noite* remetem ao segundo momento formal e temático de sua produção, recorrendo às tiras e driblando as perseguições do DIP, órgão que possuía a função de distribuir toda a propaganda do regime e controlar a imprensa.

Após a esporádica colaboração para o *Jornal de S. Paulo*, Nelo Lorenzon foi contratado como caricaturista pelas *Folhas*, produzindo seus desenhos a partir de março de 1948, na primeira página da *Folha da Noite*.

Com o fim do Estado Novo, num período de redefinição das práticas políticas e de reestruturação partidária, a resistência à política nacionalista adotada por Getúlio Vargas tornou-se efetivamente pública por meio das charges da imprensa diária. Algumas das quais preservavam o contexto, constituídas essencialmente na relação do código verbal e visual que se completam; outras, ironicamente, se contrapõem, na busca da produção do sentido pretendido.

De modo contingencial, os políticos colhidos como objeto do trabalho de Nelo Lorenzon retratam as polêmicas que envolviam as estratégias utilizadas em suas campanhas públicas – situações que, embora distantes cronologicamente, permanecem atuais no que diz respeito à ausência de ética na utilização do bem público.

No quadro político, o período de grande mobilização das massas urbanas proporcionou às lideranças retomarem a interlocução direta com os anseios populares para construir seu discurso. Adhemar de Barros começava a montar sua máquina eleitoral, ao mesmo tempo em que estabelecia uma forte estrutura publicitária como apoio de seu projeto político populista, abastecendo a crítica da imprensa.

Outro personagem político deste período, impossível de não se destacar, que serviu de argumento para centenas de charges, foi Jânio Quadros. Nelo Lorenzon o retratou desde o início de sua meteórica carreira política em São Paulo:

¹⁷ CYTRYNOWICZ. Guerra sem guerra

como vereador (1947), deputado estadual (1953), prefeito (1953) e governador do Estado (1954). E, posteriormente, deputado federal pelo Paraná (1958), até presidente da República do Brasil (1961).



LORENZON, José Nelo. *Folha da Noite*. São Paulo, 28 abr. 1953, p. 1.

A figura de Jânio Quadros assediada por Getúlio Vargas e Adhemar de Barros encobre o discurso populista que assumiu diversas faces – frequentemente contraditórias e assumidamente destituídas de qualquer compromisso com a legenda partidária. A singular figura pública de Jânio Quadros é captada pelo traço de Nelo por meio do disfarce que encobre as incoerências entre o teor do discurso e a motivação daquele que pronuncia a farsa moralizadora.

Assim, a percepção visual da realidade presente nas charges, caricaturas ou desenhos do artista - interrompida em 7 de abril de 1963, quando falece - em

sua trajetória nas *Folhas* permite uma fonte histórica fundamental no processo de reconhecimento e desmistificação do poder e incentivo ao envolvimento de pessoas comuns nos assuntos do Estado.¹⁸

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1982.
- BAUDELAIRE, C. De l' essence Du rire. In: *Curiosités esthétiques: l'art romantiques et autres oeuvres critiques*. Paris: Editions Garnier, 1962.
- BELOCH, I. ; ABREU, A. A. *Dicionário histórico biográfico brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: FGV/ CPDOC, 1984.
- BORGHI, H. *Depoimento, 1977*. Rio de Janeiro, 1982. Datilografado. Acervo História Oral CPDOC/FGV.
- BURKE, P. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução: Vera M. X. dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.
- CYTRYNOWICZ. *Guerra sem guerra: mobilização e cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial: EDUSP, 2000.
- DUARTE, Paulo. *História da imprensa em São Paulo*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1972.
- GOMBRICH, E. H. *Meditações sobre um cavaleiro de pau*. Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 1999.
- MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S. Paulo (1921-1981)*. São Paulo: IMPRES, 1981.
- ROMUALDO, E. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá: Eduem, 2000.

Artigo

BENEVIDES, M. V. Um caso de sedução política. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 abr. 1983. Folhetim, p. 8-9.

Revistas

Terra Vermelha. São Paulo n. 1, 28 nov. 1932

¹⁸ BURKE, P., *Testemunha ocular*

ESCRITOS IV

Problemas. São Paulo, v. 1, a. 1, 15 ago. 1937

Problemas. São Paulo v. 2, a. 1, 15 set. 1937

XI de Agosto, s. n. , 13 mai. 1937

Acervos

Banco de Dados da *Folha de São Paulo*

Biblioteca da Faculdade de Direito do Largo S. Francisco – USP